

Obras Póstumas



Allan Kardec

PARTE I CAPÍTULO VIII – ESTUDO SOBRE A NATUREZA DO CRISTO

Índice

Assunto	Origem	Pagina
I – Fontes das provas sobre a natureza do Cristo	Obras Póstumas	03
Da natureza do Cristo	Jesus – À luz da Doutrina dos Espíritos	05
Superioridade da natureza de Jesus	A Gênese	07
II – A divindade do Cristo é provada pelos milagres?	Obras Póstumas	09
Obras Póstumas (11)	O Consolador	11
III – A divindade do Cristo é provada pelas suas palavras?	Obras Póstumas	12
Obras Póstumas (11)	O Consolador	17
IV – Palavras de Jesus depois da Sua morte	Obras Póstumas	19
Obras Póstumas (11)	O Consolador	20
V – Dupla natureza de Jesus	Obras Póstumas	21
Obras Póstumas (11)	O Consolador	22
VI – Opinião dos Apóstolos	Obras Póstumas	23
Obras Póstumas (12)	O Consolador	26
VII – Predições dos profetas com relação a Jesus	Obras Póstumas	28
Previsões sobre a vinda de Jesus	Estudo aprofundado da Doutrina Espírita – livro I	29
VIII – O Verbo se fez carne	Obras Póstumas	31
Obras Póstumas (13)	O Consolador	33
IX – Filho de Deus e filho do homem	Obras Póstumas	35
Obras Póstumas (13)	O Consolador	38

Parte I

Capítulo VIII – Estudo sobre a natureza do Cristo

I – Fontes das provas sobre a natureza do Cristo

A questão da natureza do Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo e pode-se dizer que ainda não se acha solucionada, pois que continua a ser objeto de discussão. Foi a divergência das opiniões sobre este ponto que deu origem à maioria das seitas que dividiram a Igreja há dezoito séculos, sendo de notar-se que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros titulados do clero.

Eram, por conseguinte, homens esclarecidos, muitos deles escritores de talento, abalizados na ciência teológica, que não achavam concludentes as razões invocadas a favor do dogma da divindade do Cristo. Entretanto, como hoje, as opiniões se firmaram mais sobre abstrações do que sobre fatos. Sobretudo, o que se procurou foi saber o que o dogma continha de plausível, ou de irracional, deixando-se, geralmente, de um lado e de outro, de assinalar os fatos capazes de lançar sobre a questão uma luz decisiva.

Mas, onde encontrar esses fatos, senão nos atos e nas palavras de Jesus?

Nada tendo Ele escrito, seus únicos historiadores foram os apóstolos que, tampouco escreveram coisa alguma quando o Cristo ainda vivia. Nenhum historiador profano, seu contemporâneo, havendo falado a seu respeito nenhum documento mais existe, além dos Evangelhos, sobre a sua vida e a sua doutrina. Aí somente é que se há de procurar a chave do problema. Todos os escritos posteriores, sem exclusão dos de S. Paulo, são apenas, e não podem deixar de ser, simples comentários ou apreciações, reflexos de opiniões pessoais, muitas vezes contraditórias, que, em caso algum, poderiam ter a autoridade da narrativa dos que receberam diretamente do Mestre as instruções.

Sobre esta questão, como sobre as de todos os dogmas, em geral, o acordo entre os Pais da Igreja e outros escritores sacros não seria de invocar-se como argumento preponderante, nem como prova irrecusável a favor da opinião de uns e outros, uma vez que nenhum deles citou um só fato, fora do Evangelho, concernente a Jesus; que nenhum deles descobriu documentos novos que seus predecessores desconhecêssem.

Os autores sacros nada mais conseguiram do que girar dentro do mesmo círculo, produzindo apreciações pessoais, deduzindo corolários acordemente com seus pontos de vista, comentando sob novas formas e com maior ou menor desenvolvimento as opiniões contrárias às suas. Pertencendo ao mesmo partido, tiveram todos de escrever no mesmo sentido, senão nos mesmos termos, sob pena de serem declarados heréticos, como o foram Orígenes e tantos mais. Naturalmente, a Igreja só incluiu no número dos seus Pais os escritores ortodoxos, do seu ponto de vista; somente exalçou, santificou e colecionou aqueles que lhe tomaram a defesa, ao passo que repudiou os outros e lhes destruiu quanto pôde os escritos. Nada, pois, de concludente exprime o acordo dos Pais da Igreja, visto que formam uma unanimidade arranjada a dedo, mediante a eliminação dos elementos contrários. Se se fizesse um confronto de tudo que foi escrito pró e contra, difícil se tornaria dizer para que lado se inclinaria a balança.

Isto nada tira ao mérito pessoal dos sustentadores da ortodoxia, nem ao valor que demonstraram como escritores e homens conscienciosos. Sendo advogados de uma mesma causa e defendendo-a com incontestável talento, haviam forçosamente de adotar as mesmas conclusões. Longe de intentarmos apontá-los no que quer que fosse, apenas quisemos refutar o valor das conseqüências que se pretende tirar do acordo de suas opiniões.

No exame, que vamos fazer, da questão da divindade do Cristo, pondo de lado as sutilezas da escolástica, que unicamente serviram para tudo embaralhar sem esclarecer coisa alguma, apoiar-nos-emos exclusivamente nos fatos que ressaltam do texto do Evangelho e que, examinados friamente, conscienciosamente e sem espírito de partido, super, abundantemente facultam todos os meios de convicção que se possam desejar.

Ora, entre esses fatos, outros não há mais preponderantes, nem mais concludentes, do que as próprias palavras do Cristo, palavras que ninguém poderá refutar, sem infirmar a veracidade dos

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

apóstolos. Pode-se interpretar de diferentes maneiras uma parábola, uma alegoria; mas, afirmações precisas, sem ambiguidades, repetidas cem vezes, não poderiam ter duplo sentido. Ninguém pode pretender saber melhor do que Jesus o que ele quis dizer, como ninguém pode pretender estar mais bem informado do que ele sobre a sua própria natureza.

Desde que ele comenta suas palavras e as explica para evitar todo equívoco, é a ele que devemos recorrer, a menos lhe neguemos a superioridade que lhe é atribuída e nos sobreponhamos à sua própria inteligência.

Se ele foi obscuro em certos pontos, por usar de linguagem figurada, no que concerne à sua pessoa não há equívoco possível. Antes de examinar as palavras, vejamos os atos.

Jesus – À Luz da Doutrina dos Espíritos
(Rubens Corrêa)

**I – FONTES DAS PROVAS SOBRE
A NATUREZA DO CRISTO**

Da Natureza do Cristo

Como pudemos ver, acesa polêmica ocupou a imaginação dos cristãos nesses séculos todos de cristianismo, a respeito da natureza do Cristo. A divindade de Jesus foi, e ainda é, um tema polêmico na comunidade cristã. Ora, o Messias do judaísmo era de fato um enviado dos céus, com todos os poderes sobre o bem e o mal, capaz de restabelecer todas as coisas sobre a Terra. Para ser, pois, o Cristo do judaísmo, só mesmo portando divindade. Contudo, Jesus, como Espírito puro e perfeito encarnado sobre a Terra, não era o próprio Deus. Alias, nunca manifestou essa intenção de ser o próprio Deus, nunca se proclamou como divindade.

Falamos que esta pendência só poderia ser dirimida analisando, ao vivo, suas palavras e seus atos, como nos informam os evangelhos, que gozam de veracidade e legitimidade neste particular, o da palavra e dos atos. A grande detentora do ensinamento da divindade de Jesus é a Igreja Romana, que assim o proclamou. Já vimos que se estriba na palavra dos chamados Pais da Igreja ou dos Doutores de Igreja, como ficaram conhecidos. É óbvio que só se contam entre esses os que foram favoráveis a essa tese, anatematizando os “Doutores” e “Pais”, que tiveram opiniões contrárias como heréticos.

Todavia, tanto uns como outros, militavam por suas ideias pessoais, visando impor a maneira como pensavam sobre o assunto. Vejamos por nós mesmos esta polêmica questão. Os milagres provam a divindade de Jesus. Segundo a Igreja, a divindade de Jesus está firmada pelos milagres, que testemunham um poder sobrenatural. Esta consideração pode ter tido certo peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame; hoje, porém, que a ciência levou suas investigações até, às leis da natureza, há mais incrédulos do que crentes nos milagres para cujo descrédito não contribuíram pouco o abuso das imitações fraudulentas e a exploração que dessas imitações se há feito.

A fé nos milagres foi destruída pelo próprio uso que deles fizeram, donde resultou que muitas pessoas consideram agora os do evangelho como puramente lendários. A própria Igreja, aliás, aos milagres todo o alcance como prova da divindade do Cristo, declarando que o demônio os pode operar tão prodigiosos quanto aqueles outros.

Se tal poder tem o demônio, evidente que os fatos desse gênero carecem em absoluto do caráter exclusivamente divino. Se ele pode fazer coisas espantosas, capazes até de iludir os eleitos, como poderão simples mortais distinguir os bons milagres dos maus?

Não será de temer que, observando fatos similares confundam Deus e satanás? Ora, dar a Jesus semelhante rival em habilidade é grande desazo; mas, em matéria de contradições e inconseqüências não se consideravam as coisas com muita atenção numa época em que para os fiéis seria um caso de consciência o pensarem por si mesmos e discutirem o menor artigo que se lhes impusesse à crença. Não se contava, então, com o progresso e ninguém cuidava de que pudesse ter fim o reinado da fé cega e ingênua, reinado cômodo, qual o bel-prazer.

O papel tão preponderante que a Igreja se obstinou em atribuir ao demônio produziu conseqüências desastrosas para a fé, à medida que os homens se foram sentindo capazes de ver com seus próprios olhos. Depois de ter sido explorado com êxito durante algum tempo, ele se tornou o alvião posto no velho edifício das crenças e uma das causas da incredulidade. Pode-se dizer que a Igreja, com o tomá-lo por auxiliar indispensável, alimentou em seu seio aquele que se voltaria contra ela e lhe minaria os fundamentos. Outra consideração não menos grave é a de que os fatos milagrosos não constituem privilégio exclusivo da religião cristã.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

Não há, com esse efeito, religião alguma, idólatra ou pagã, que não tenha seus milagres tão maravilhosos e tão autênticos para os respectivos adeptos, quanto os do cristianismo. E a Igreja se privou do direito de os contestar, desde que atribuiu às potências infernais o poder de os operar. No sentido teológico, o caráter essencial do milagre é o de ser uma exceção, aberta nas leis da natureza, o que, conseqüentemente, o torna inexplicável mediante essas mesmas leis. Deixa de ser milagre um fato, desde que possa explicar-se e que se ache ligado a uma causa conhecida.

Desse modo foi que as descobertas da ciência colocaram no domínio do natural muitos efeitos que eram qualificados de prodígios, enquanto que se lhes desconheciam as causas. Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluídos sobre a economia geral, do mundo invisível dentro do qual vivemos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do perispírito, facultou a explicação dos fenômenos de ordem psíquica, provando que esses fenômenos não constituem, mais do que outros, derivações das leis da natureza que, ao contrário, decorrem quase sempre de aplicações destas leis.

Todos os efeitos do magnetismo, só sonambulismo, do êxtase, da dupla vista, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão do pensamento, a presciência, as curas instantâneas, as possessões, as obsessões, as aparições e transfigurações, etc., que formam a quase totalidade dos milagres do Evangelho, pertencem àquela categoria de fenômenos. Sabe-se agora que tais efeitos resultam de especiais aptidões e disposições psicológicas; que se não produziram em todos os tempos e no seio de todos os povos e que foram considerados sobrenaturais pela mesma razão de todos aqueles cuja causa não se percebia. Isto explica porque todas as religiões tiveram seus milagres, que mais não são do que fatos naturais, quase sempre, porém ampliados até ao absurdo pela credulidade e reduzidos agora ao seu justo valor pelos conhecimentos atuais, que permitem se destaque deles a parte devida à lenda.

A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como operados por Jesus se acha hoje completamente, demonstrada pela parapsicologia e pelo espiritismo científico, como fenômenos naturais, pois que eles se produzem às nossas vistas, quer espontaneamente, quer quando provocados; nada há de anormal em que Jesus possuísse faculdades idênticas às dos nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns (sensitivos), etc.

A gênese

(Allan Kardec)

Os Milagres do Evangelho – cap. XV

I – FONTES DAS PROVAS SOBRE A NATUREZA DO CRISTO

Superioridade da natureza de Jesus

1. Os fatos que o Evangelho relata e que foram até hoje considerados milagrosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos fenômenos psíquicos, isto é, dos que têm como causa primária as faculdades e os atributos da alma.

Confrontando-os com os que ficaram descritos e explicados no capítulo precedente, reconhecer-se-á sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito.

A História registra outros análogos, em todos os tempos e no seio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos forçosamente se produziram.

Pode-se, é certo, contestar, no que concerne a este ponto, a veracidade da História; mas, hoje, eles se produzem às nossas vistas e, por assim dizer, à vontade e por indivíduos que nada têm de excepcionais.

O só fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, basta para provar que ele é possível e se acha submetido a uma lei, não sendo, portanto, miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como já vimos, nas propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da Natureza.

Conhecidos estes elementos e comprovados os seus efeitos, tem-se, como consequência, de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural.

2. Sem nada prejudicar quanto à natureza do Cristo, natureza cujo exame não entra no quadro desta obra, considerando-o apenas um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecê-lo um dos de ordem mais elevada e colocado, por suas virtudes, muitíssimo acima da humanidade terrestre.

Pelos imensos resultados que produziu, a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade somente a seus mensageiros diretos confia, para cumprimento de seus desígnios.

Mesmo sem supor que ele fosse o próprio Deus, mas unicamente um enviado de Deus para transmitir sua palavra aos homens, seria mais do que um profeta, porquanto seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível.

A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9).

Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis.

Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava dupla vista, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito à que de ordinário possuem os homens comuns.

O mesmo havia de dar-se, nele, com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos.

A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças.

Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir.

Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.

II – A divindade do Cristo é provada pelos milagres?

Segundo a Igreja, a divindade do Cristo está firmada pelos milagres, que testemunham um poder sobrenatural.

Esta consideração pode ter tido certo peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame; hoje, porém, que a Ciência levou suas investigações até as leis da Natureza, há mais incrédulos do que crentes nos milagres, para cujo descrédito não contribuíram pouco o abuso das imitações fraudulentas e a exploração que dessas imitações se há feito.

A fé nos milagres foi destruída pelo próprio uso que deles fizeram, donde resultou que muitas pessoas consideram agora os do Evangelho como puramente lendários.

A própria Igreja, aliás, tira aos milagres todo o alcance como prova da divindade do Cristo, declarando que o demônio os pode operar tão prodigiosos quanto aqueles outros.

Se tal poder tem o demônio, evidente se torna que os fatos desse gênero carecem em absoluto de caráter exclusivamente divino. Se ele pode fazer coisas espantosas, capazes até de iludir os eleitos, como poderão simples mortais distinguir os bons milagres dos maus? Não será de temer que, observando fatos similares, confundam Deus e Satanás?

Dar a Jesus semelhante rival em habilidade é grande desazo; mas, em matéria de contradições e de inconseqüências, não se consideravam as coisas com muita atenção numa época em que para os fiéis seria um caso de consciência o pensarem por si mesmos e discutirem o menor artigo que se lhes impusesse à crença. Não se contava então com o progresso e ninguém cuidava de que pudesse ter fim o reinado da fé cega e ingênua, reinado cômodo, qual o do bel-prazer. O papel tão preponderante que a Igreja se obstinou em atribuir ao demônio produziu conseqüências desastrosas para a fé, à medida que os homens se foram sentindo capazes de ver com seus próprios olhos. Depois de ter sido explorado com êxito durante algum tempo, ele se tornou o alívio posto no velho edifício das crenças e uma das causas da incredulidade. Pode dizer-se que a Igreja, com o tomá-lo por auxiliar indispensável, alimentou em seu seio aquele que se voltaria contra ela e lhe minaria os fundamentos.

Outra consideração não menos grave é a de que os fatos milagrosos não constituem privilégio exclusivo da religião cristã. Não há, com efeito, religião alguma, idólatra ou pagã, que não tenha seus milagres tão maravilhosos e tão autênticos para os respectivos adeptos, quanto os do Cristianismo. E a Igreja se privou do direito de os contestar, desde que atribuiu às potências infernais o poder de os operar.

No sentido teológico, o caráter essencial do milagre é o de ser uma exceção aberta nas leis da Natureza, o que, conseqüentemente, o torna inexplicável mediante essas mesmas leis. Deixa de ser milagre um fato, desde que possa explicar-se e que se ache ligado a uma causa conhecida.

Desse modo foi que as descobertas da Ciência colocaram no domínio do natural muitos efeitos que eram qualificados de prodígios, enquanto se lhes desconheciam as causas.

Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos sobre a economia geral, do mundo invisível dentro do qual vivemos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do perispírito, facultou a explicação dos fenômenos de ordem psíquica, provando que esses fenômenos não constituem, mais do que os outros, derrogações das leis da Natureza, que, ao contrário, decorrem quase sempre de aplicações destas leis. Todos os efeitos do magnetismo, do sonambulismo, do êxtase, da dupla vista, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão do pensamento, a presciência, as curas instantâneas, as possessões, as obsessões, as aparições e transfigurações, etc., que formam a quase totalidade dos milagres do Evangelho, pertencem àquela categoria de fenômenos.

Sabe-se agora que tais efeitos resultam de especiais aptidões e disposições psicológicas; que se não produziram em todos os tempos e no seio de todos os povos e que foram considerados sobrenaturais pela mesma razão que todos aqueles cuja causa não se percebia. Isto explica por que todas as religiões tiveram seus milagres, que mais não são que fatos naturais, quase sempre, porém, ampliados até ao absurdo pela credulidade e reduzidos agora ao seu justo valor pelos conhecimentos atuais, que permitem se destaque deles a parte devida à lenda.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como operados por Jesus se acha hoje completamente, demonstrada pelo Magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais.

Pois que eles se produzem às nossas vistas, quer espontaneamente, quer quando provocados, nada há de anormal em que Jesus possuísse faculdades idênticas às dos nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns, etc.

Do momento em que essas mesmas faculdades se encontram, em diferentes graus, numa multidão de indivíduos que nada têm de divino, até em heréticos e idólatras, elas não implicam, de maneira alguma, a existência de uma natureza sobre-humana.

Se o próprio Jesus qualifica de milagres os seus atos, é que nisto, como em muitas outras coisas, lhe cumpria apropriar sua linguagem aos conhecimentos dos seus contemporâneos.

Como poderiam estes apreender os matizes de uma palavra que ainda hoje nem todos compreendem?

Para o vulgo, eram milagres as coisas extraordinárias que ele fazia e que pareciam sobrenaturais, naquele tempo e mesmo muito tempo depois. Ele não podia dar-lhes outro nome. Fato digno de nota é que se serviu dessa denominação para atestar a missão que recebera de Deus, segundo suas próprias expressões, porém nunca se prevaleceu dos milagres para se apresentar como possuidor do poder divino. (1) Importa, pois, se risquem os milagres do rol das provas sobre que se pretende fundar a divindade da pessoa do Cristo. Vejamos agora se as encontramos em suas palavras.

(1) Para completo desenvolvimento da questão dos milagres, veja-se A Gênese segundo o Espiritismo, caps. XIII e seguintes, onde se acham explicados, por meio das leis naturais, todos os milagres do Evangelho.

93. A divindade do Cristo está provada por seus milagres?

Segundo a Igreja, sim. A divindade do Cristo estaria estabelecida principalmente pelos milagres, como testemunho de um poder sobrenatural. Esta consideração pôde ter certo peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame; mas hoje, que a ciência levou as suas investigações até as leis da Natureza, os milagres encontram mais incrédulos do que crentes.

A Igreja, aliás, retira aos milagres toda a sua importância como prova da divindade do Cristo quando admite que o demônio também pode fazê-los tão prodigiosos quanto o Cristo. Ora, se o demônio tem um tal poder, fica evidente que os fatos desse gênero não têm, de nenhum modo, um caráter exclusivamente divino; se o demônio pode fazer coisas admiráveis para seduzir mesmo os eleitos, como os simples mortais poderiam distinguir os bons milagres dos maus?

O caráter essencial do milagre, no sentido teológico, é ser uma exceção nas leis da Natureza e, por conseguinte, um fato inexplicável por essas mesmas leis. Desde o instante que um fato pode se explicar e se ligue a uma causa conhecida, cessa de ser milagre. Assim é que as descobertas da ciência fizeram entrar no domínio do natural, certos efeitos qualificados de prodígios enquanto a causa ficou ignorada.

Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos sobre a economia, do mundo invisível no meio do qual vivemos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do perispírito, deu-nos a chave dos fenômenos de ordem psíquica, e provou que eles não são, mais que os outros, derrogações às leis da Natureza, mas, ao contrário, são delas aplicações frequentes.

Todos os efeitos do magnetismo, do sonambulismo, do êxtase, da dupla vista, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão do pensamento, da presciência, das curas instantâneas, das possessões, das obsessões, das aparições etc., que constituem a quase totalidade dos milagres do Evangelho, pertencem a essa categoria de fenômenos.

A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como tendo sido realizados por Jesus está hoje completamente, demonstrada pelo Magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais que são.

Uma vez que se produzem sob os nossos olhos, seja espontaneamente, seja por provocação, não há nada de anormal em que Jesus possuísse faculdades idênticas às de nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns etc. Desde o instante que essas mesmas faculdades se encontram, em diferentes graus, numa multidão de indivíduos que nada têm de divino, que são encontradas mesmo entre os heréticos e os idólatras, elas não implicam, em nada, uma natureza sobre-humana.

(Obras Póstumas – Estudo sobre a natureza do Cristo.)

III – A divindade do Cristo é provada por suas palavras?

Dirigindo-se a alguns de seus discípulos que disputavam para saber qual dentre eles era o maior, disse-lhes ele, chamando para junto de si uma criança:

“Quem quer que me receba, recebe aquele que me enviou, porquanto aquele que for o menor entre todos vós será o maior de todos.” (S. Lucas, 9:48.)

“Quem quer que receba em meu nome a uma criancinha como esta, a mim me recebe; e aquele que me recebe não me recebe a mim, mas recebe aquele que me enviou.” (S. Marcos, 9:37.)

“Jesus lhes disse então: Se Deus fosse vosso Pai, vós me amaríeis, porque foi de Deus que saí e foi de sua parte que vim; pois, não vim de mim mesmo, foi ele que me enviou.” (S. João, 8:42.)

“Jesus então lhes disse: Ainda estou convosco por um pouco de tempo e vou em seguida para aquele que me enviou.” (S. João, 7:33.)

“Aquele que vos ouve a mim me ouve; aquele que vos despreza a mim me despreza; e aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou.” (S. Lucas, 10:16.)

O dogma da divindade de Jesus se baseou na igualdade absoluta entre a sua pessoa e Deus, pois que ele próprio é Deus. É este um artigo de fé. Ora, estas palavras, que Jesus tantas vezes repetiu: Aquele que me enviou, não só comprovam uma dualidade de pessoas, mas também, como já o dissemos, excluem a igualdade absoluta entre elas, porquanto aquele que é enviado necessariamente está subordinado ao que envia. Com o obedecer, aquele pratica um ato de submissão. Um embaixador, falando do seu soberano, dirá: Meu senhor, aquele que me envia; mas, se quem vem é o soberano em pessoa, falará em seu próprio nome e não dirá: Aquele que me enviou, visto que ele não pode enviar-se a si mesmo. Jesus o disse em termos categóricos:

Não vim de mim mesmo; foi ele quem me enviou.

Estas palavras: Aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou, não implicam absolutamente a igualdade, nem, ainda menos, a identidade. Em todos os tempos, o insulto a um embaixador foi considerado como feito ao próprio soberano. Os apóstolos tinham a palavra de Jesus, como este a de Deus. Quando ele lhes diz: Aquele que vos ouve a mim me ouve, certamente não queria dizer que seus apóstolos e ele fossem uma só e a mesma pessoa, igual em todas as coisas.

A dualidade das pessoas, assim como o estado secundário e de subordinação de Jesus com relação a Deus, ressaltam, ao demais, sem equívoco possível, das seguintes passagens:

“Fostes vós que permanestes sempre firmes comigo nas minhas tentações. — Eis por que vos preparo o Reino, como meu Pai mo preparou, a fim de que comais e bebais à minha mesa no meu reino e que estejais sentados em tronos, para julgar as doze tribos de Israel.”

(S. Lucas, 22:28 a 30.)

“De mim digo o que vi junto de meu Pai; e vós, vós fazeis o que ouvistes de vosso pai.”

(S. João, 8:38.)

“Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu e dessa nuvem saiu uma voz que fez se ouvirem estas palavras:

Este é meu filho bem-amado; escutai-o.” (Transfiguração: S. Marcos, 9:7.)

“Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória; — e, achando-se reunidas todas as nações, separará umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos bodes; — colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. — Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, vós que fostes abençoados por meu Pai, possuir o reino que vos foi preparado desde o começo do mundo.”

(S. Mateus, 25:31 a 34.)

“Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; — aquele que me renunciar diante dos homens, também eu mesmo o renunciarei diante de meu Pai que está nos céus.” (S. Mateus, 10:32 e 33.)

“Ora, eu vos declaro que aquele que me confessar e me reconhecer perante os homens, o filho do homem também o reconhecerá perante os anjos de Deus; — mas, se algum me repudiar perante os homens, eu também o repudiarei perante os anjos de Deus.” (S. Lucas, 12:8 e 9.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

“Pois, se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, desse também se envergonhará o Filho do homem, quando estiver na sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos.”

(S. Lucas, 9:26.)

Nestas duas últimas passagens parece mesmo que Jesus coloca acima de si os santos anjos componentes do tribunal celeste, perante o qual seria ele o defensor dos bons e o acusador dos maus.

“Mas, pelo que respeita a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não me compete a mim vo-lo conceder; isso será para aqueles a quem meu Pai o tenha preparado.”

(S. Mateus, 20:23.)

“Ora, estando reunidos os fariseus, Jesus lhes fez esta pergunta: Que vos parece do Cristo? De quem é ele filho? Eles responderam: De David. — Como é então, retrucou ele, que David lhe chama em espírito seu senhor, nestes termos: O Senhor disse a meu Senhor:

Senta-te à minha direita, até que eu reduza teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés? — Ora, se David lhe chama seu senhor, como é ele seu filho? (S. Mateus, 22:41 a 45.)

“Mas, ensinando no templo, Jesus lhes disse: Como é, que os escribas dizem que o Cristo é filho de David, uma vez que o próprio David diz a seu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu haja reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés? — Pois, se o próprio David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho?” (S. Marcos, 12:35 a 37; S. Lucas, 20:41 a 44.)

Por essas palavras, Jesus consagra o princípio da diferença hierárquica que existe entre o Pai e o Filho. Ele podia ser filho de David por filiação corporal, como descendente de sua raça e foi por isso que teve o cuidado de acrescentar:

Como lhe chama ele em espírito seu Senhor? Se há uma diferença hierárquica entre o pai e o filho, Jesus, como filho de Deus, não pode ser igual a Deus.

Ele confirma esta interpretação e reconhece a sua inferioridade com relação a Deus, em termos que não deixam lugar a dúvidas.

“Ouvistes o que foi dito: ‘Eu me vou e volto a vós. Se me amásseis, rejubilaríeis, pois que vou para meu Pai, porque meu Pai É MAIOR DO QUE EU’.” (S. João, 14:28.)

“Aproxima-se então um mancebo e lhe diz: Bom Mestre, que bem devo fazer para alcançar a vida eterna?” Jesus lhe respondeu:

“Por que me chamas bom?” “Não há senão somente Deus que é bom. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos.” (S. Mateus, 19:16 e 17; S. Marcos, 10:17 e 18; S. Lucas, 18:18 e 19.)

Não só Jesus não se deu, em nenhuma circunstância, por igual a Deus, como, neste passo, afirma positivamente o contrário: considera-se inferior a Deus em bondade. Ora, declarar que Deus lhe está acima, pelo poder e pelas qualidades morais, é dizer que ele não é Deus. As passagens que seguem apoiam as que citamos e também são bastante explícitas.

“Não tenho falado por mim mesmo; meu Pai, que me enviou, foi quem me prescreveu, por mandamento seu, o que devo dizer e como devo falar; — e sei que o seu mandamento é a vida eterna; o que, pois, eu digo é segundo o que meu Pai me ordenou que o diga.”

(S. João, 12:49 e 50.)

“Jesus lhes respondeu: Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. — Aquele que quiser fazer a vontade de Deus reconhecerá se a minha doutrina é dele, ou se falo por mim mesmo. — Aquele que fala por impulso próprio procura a sua própria glória, mas o que, procura a glória daquele que o enviou é veraz, não há nele injustiça.” (S. João, 7:16 a 18.)

“Aquele que não me ama não guarda a minha palavra, e a palavra que tendes ouvido não é minha, mas de meu Pai que me enviou.” (S. João, 14:24.)

“Não credes que estou em meu Pai e que meu Pai está em mim? O que vos digo não o digo de mim mesmo; meu Pai que mora em mim, faz ele próprio as obras que eu faço.” (S. João, 14:10.)

“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.

— Pelo que respeita ao dia e à hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem mesmo o Filho, mas somente o Pai.” (S. Marcos, 13:32; S. Mateus, 24:35 e 36.)

“Jesus então lhes disse: Quando houverdes elevado ao alto o Filho do homem, conhecereis o que eu sou, porquanto nada faço de mim mesmo; mas, digo o que meu Pai me ensinou; e aquele que me enviou está comigo e não, me deixou só, porque faço sempre o que lhe é agradável.”

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

(S. João, 8:28 e 29.)

“Desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou.” (S. João, 6:38.)

“Nada posso fazer de mim mesmo. Julgo segundo ouço e o meu juízo é justo, porque não procuro satisfazer à minha vontade, mas à vontade daquele que me enviou.” (S. João, 5:30.)

“Mas, de mim, tenho um testemunho maior que o de João, porquanto as obras que meu Pai me deu o poder de fazer, as obras, digo, que eu faço dão testemunho de mim, que foi meu Pai que me enviou.” (S. João, 5:36.)

“Mas, agora procurais dar-me morte, a mim que vos tenho dito a verdade que aprendi de Deus; é o que Abraão não fez.” (S. João, 8:40.)

Desde que ele nada diz de si mesmo; que a doutrina que prega não é sua, que ela lhe veio de Deus, que lhe ordenou viesse dá-la a conhecer; que não faz senão o que Deus lhe deu o poder de fazer; que a verdade que ensina ele a aprendeu de Deus, a cuja vontade se acha sujeito, é que ele não é Deus, mas, apenas, seu enviado, seu messias e seu subordinado.

Fora-lhe impossível recusar, de maneira mais positiva, qualquer assimilação sua a Deus, nem determinar o seu papel principal em termos mais precisos. Não há nos trechos acima pensamentos ocultos sob o véu da alegoria, que só à força de interpretações se possam descobrir. São pensamentos expressos em seu sentido próprio, sem ambiguidade.

Se objetarem que Deus, por não ter querido dar-se a conhecer na pessoa de Jesus, provocou uma ilusão acerca da sua individualidade, poder-se-ia perguntar em que se funda semelhante opinião, quem tem autoridade para lhe sondar o fundo do pensamento e para lhe dar às palavras um sentido contrário ao que elas exprimem. Pois que, em vida de Jesus, ninguém o considerava como sendo Deus; que todos, ao contrário, o consideravam um messias, se ele não quisesse que o conhecessem qual era, bastar-lhe-ia nada dizer. Das suas afirmações espontâneas, deve-se concluir que ele não era Deus, ou que, se o era, voluntariamente e sem utilidade, fez uma afirmação falsa.

É de notar-se que S. João, o Evangelista sobre cuja autoridade mais buscaram apoiar-se os instituidores do dogma da divindade do Cristo, é precisamente o que oferece os mais numerosos e mais positivos argumentos em contrário.

É do que pode convencer-se qualquer pessoa, lendo as passagens seguintes, que nada acrescentam, é certo, às provas já citadas, mas as corroboram porque de tais passagens ressalta evidente a dualidade e a desigualdade das duas entidades:

“Por esse motivo, os judeus perseguiram a Jesus e queriam matá-lo, isto é, porque fizera tais coisas em dia de sábado. — Mas, Jesus lhes disse: ‘Meu Pai obra até ao presente e eu também obro’.” (S. João, 5:16 e 17.)

“Porquanto o Pai a ninguém julga; mas deu ao Filho todo o poder de julgar, a fim de que todos honrem ao Filho, como honram ao Pai. Aquele que não honra ao Filho, não honra ao Pai que o enviou.”

“Em verdade, em verdade, digo-vos que aquele que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não cai na condenação; antes, já passou da morte à vida.”

“Em verdade, em verdade, digo-vos que a hora vem, e ela já veio, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a escutarem viverão; pois, assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também deu ao Filho ter a vida em si mesmo — e lhe deu o poder de julgar, porque ele é o Filho do homem.” (S. João, 5:22 a 27.)

“E o Pai que me enviou há dado, ele próprio, testemunho de mim. Nunca jamais lhe ouvistes a voz, nem vistes a face. — E a sua palavra não permanecerá em vós porque não credes no que ele enviou.” (S. João, 5:37 e 38.)

“Quando eu julgasse, o meu julgamento seria digno de fé, porquanto não estou só; meu Pai que me enviou está, comigo.” (S. João, 8:16.)

“Havendo Jesus dito estas coisas, elevou os olhos ao céu e disse: ‘Meu Pai, a hora é vinda; glorifica a teu Filho, a fim de que teu Filho te glorifique. — Como lhe deste poder sobre todos os homens, a fim de que ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste. — Ora a vida eterna consiste em te conhecer a ti que és O ÚNICO DEUS verdadeiro e a Jesus Cristo que tu enviaste.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

“Eu te tenho glorificado na terra; acabei a obra de que me encarregaste. — E tu, meu Pai, glorifica-me, pois, agora também em ti mesmo dessa glória que tive em ti antes que o mundo fosse.

“Dentro em pouco já não estarei no mundo; mas, quanto a eles, estão ainda no mundo, e eu regresso a ti. Pai santo, conservo em teu nome os que me deste, a fim de que eles sejam como nós’.”

“Dei-lhes a tua palavra e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como eu próprio não sou do mundo.”

“Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade mesma.

— Assim como me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo — e me santifico a mim mesmo por eles, a fim de que também eles sejam santificados na verdade.”

“Não peço apenas por eles, mas também pelos que em mim hão de crer pela palavra deles; — a fim de que estejam todos unidos, como tu, meu Pai, estás em mim e eu em ti; que eles, do mesmo modo, sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste.”

“Meu Pai, desejo que, lá onde eu estou, os que tu me deste também estejam comigo, a fim de que contemplem a minha glória, glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo.”

“Pai justo, o mundo não te há conhecido; eu, porém, te tenho conhecido; e estes conheceram que tu me enviaste. — Fiz que eles conhecessem o teu nome, e ainda farei que o conheçam, a fim de que o amor com que me tens amado esteja neles e eu próprio neles esteja.” (S. João, 17:1 a 5, 11 a 14, 17 a 26. Prece de Jesus.)

“É por isto que meu Pai me ama, porque deixo a vida para a retomar. — Ninguém ma arrebatou; sou eu que a deixo de mim mesmo; tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar. É o mandamento que recebi do meu Pai.” (S. João, 10:17 e 18.)

“Tiraram a pedra e Jesus, erguendo os olhos para o céu, disse estas palavras: Meu Pai, rendo-te graças por me haveres exalçado. — Eu, de mim, sabia que tu me exalçarias sempre; mas, digo isto para esta gente que me cerca, a fim de que creia que foste tu que me enviaste.” (S. João, 11:41 e 42. Morte de Lázaro.)

“Não mais vos falarei, porquanto o príncipe do mundo vai vir, embora nada haja em mim que lhe pertença, mas para que o mundo conheça que amo a meu Pai e que faço o que meu Pai me ordena.” (S. João, 14:30 e 31.)

“Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, como eu, que tenho guardado os mandamentos de meu Pai, permaneço no seu amor.” (S. João, 15:10.)

“Então, soltando grande brado, Jesus disse: Meu Pai, às tuas mãos entrego o meu ser. E, tendo pronunciado essas palavras, expirou.” (S. Lucas, 23:46.)

Se Jesus, ao morrer, entrega sua alma às mãos de Deus, é que ele tinha uma alma distinta de Deus, submissa a Deus. Logo, ele não era Deus.

As palavras que se seguem indiciam, da parte de Jesus, certa fraqueza humana, certa apreensão quanto aos sofrimentos e à morte que lhe vão ser infligidos, o que contrasta com a natureza divina que lhe atribuem. Elas, porém, demonstram, ao mesmo tempo, uma submissão de inferior para superior.

“Então, chegou Jesus a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: ‘Sentai-vos aqui, enquanto vou ali orar.’

— E, tendo levado consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a estar em grande aflição. — Disse-lhes então: Minha alma se acha em mortal tristeza; ficai aqui e velai comigo. — E, indo para um pouco mais longe, prosternou-se com o rosto em terra e orou dizendo: Meu Pai, se for possível, faze de mim se afaste este cálice; entretanto, não seja como eu quero, mas como tu queiras. — Veio em seguida ter com os seus discípulos e, achando-os adormecidos, disse a Pedro: Pois quê! não pudestes velar uma hora comigo? — Vigiai e orai, a fim de não cairdes em tentação. O Espírito é pronto, mas a carne é fraca. — Foi-se de novo, para orar segunda vez, dizendo: Meu Pai, se este cálice não pode passar, sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.” (S. Mateus, 26:36 a 42. Jesus no Jardim das Oliveiras.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

“Então, disse-lhes: Minha alma está numa tristeza de morte; ficai aqui e velai. — E, tendo-se afastado um pouco, prosternou-se em terra, rogando que, se fosse possível, aquela hora se afastasse dele. — Dizia: Abba, meu Pai, tudo te é possível, transporta para longe de mim este cálice; mas, que se faça a tua vontade e não a minha.” (S. Marcos, 14:34 a 36.)

“Em chegando àquele lugar, disse-lhes: Orai, a fim de não sucumbirdes à tentação. — E, tendo-se afastado deles cerca de um arremesso de pedra, ajoelhou-se, dizendo: Meu Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; entretanto, não se faça a minha vontade, mas a tua. — Então, apareceu-lhe um anjo do céu a fortalecê-lo. — Havendo entrado em agonia, redobrava suas preces.

— Veio-lhe um suor de gotas de sangue, que corria até ao chão.” (S. Lucas, 22:40 a 44.)

“Pela hora nona, soltou Jesus um grande brado, dizendo: Eli! Eli! Lamma Sabachtani? que quer dizer: Meu Deus! Meu Deus! por que me abandonaste?” (S. Mateus, 27:46.)

“E, pela hora nona, lançou Jesus um grande brado, dizendo: Meu Deus, Meu Deus! por que me abandonaste?” (S. Marcos, 15:34.)

As passagens que vamos transcrever poderiam deixar alguma dúvida e dar ensejo a crer-se numa identificação de Deus com a pessoa de Jesus; mas, além de que não poderiam prevalecer contra os termos precisos das que precedem, trazem consigo a devida retificação.

“Perguntaram-lhe: Quem és tu então? Jesus lhes respondeu:

Sou o princípio de todas as coisas, eu que vos falo. — Tenho muitas coisas a dizer-vos; mas, aquele que me enviou é verdadeiro e eu não digo senão o que dele aprendi.” (S. João, 8:25 e 26.)

“O que meu Pai me deu é maior do que todas as coisas e ninguém o pode arrebatá-las das mãos de meu Pai. Meu Pai e eu somos um.” (S. João, 10:29 e 30.)

Quer isto dizer que seu Pai e ele são um pelo pensamento, pois que ele exprime o pensamento de Deus, pois que tem a palavra de Deus.

“Então, os judeus tomaram de pedras para lapidá-lo. — Jesus lhes disse: Muitas obras boas tenho feito diante de vós, pelo poder de meu Pai. Por qual delas quereis lapidar-me? — Os judeus lhe responderam: Não é por nenhuma boa obra que te lapidamos; mas, por causa da tua blasfêmia, porque, sendo homem, tu te fazes Deus. — Jesus lhes replicou: Não está escrito na vossa lei: Tenho dito que sois Deuses? — Ora, se ela chama deuses àqueles a quem a palavra de Deus era dirigida e não podendo a Escritura ser destruída, como dizeis que blasfemo, eu a quem meu Pai santificou e enviou ao mundo, porque disse que sou filho de Deus? — Se não faço as obras de meu Pai, não me creiais; se, porém, as faço, quando não queirais crer em mim, crede nas minhas obras, a fim de saberdes e crerdes que meu Pai está em mim e eu nele.” (S. João, 10:31 a 38.)

Noutro capítulo, dirigindo-se a seus discípulos, diz:

“Nesse dia, reconheceréis que estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós.” (S. João, 14:20.)

Destas palavras, não há concluir-se que Deus e Jesus são uma única entidade, pois, de outro modo, também se teria de concluir, das mesmas palavras, que os apóstolos e Deus eram um.

94. A divindade de Jesus está provada por suas palavras?

Claro que não. Os textos adiante, extraídos todos do Novo Testamento, o comprovam:

“Quem me recebe, recebe aquele que me enviou; porque aquele que é o menor entre vós é o maior.”

(São Lucas, cap. IX, v. 48.)

“Quem recebe em meu nome uma criancinha como esta, me recebe, e quem me recebe, não recebe só a mim, mas recebe aquele que me enviou.”

(São Marcos, cap. IX, v. 36.)

“Jesus lhes disse, pois: Estou ainda convosco por um pouco de tempo, e em seguida vou para aquele que me enviou.”

(São João, cap. VII, v. 33.)

“Aquele que vos escuta me escuta; aquele que vos despreza me despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou.”

(São João, cap. X, v. 16.)

“Por mim eu digo o que vi na casa de meu Pai, fazeis vós o que vistes na casa de vosso pai.”

(São João, cap. VIII, v. 38.)

“Quem me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu o reconhecerei e o confessarei também diante de meu Pai que está nos céus; e quem me renunciar diante dos homens, eu o renunciarei também, eu mesmo, diante de meu Pai que está nos céus.”

(São Mateus, cap. X, v. 32, 33.)

“Ouvistes o que vos disse: Eu me vou, e volto a vós. Se me amais, vos alegrareis de que vou para meu Pai, porque meu Pai é maior do que eu.”

(São João, cap. XIV, v. 28.)

“Então um jovem se aproxima e lhe diz: Bom mestre, que bem é necessário que eu faça para adquirir a vida eterna? Jesus lhe respondeu: Por que me chamais bom? Não há senão Deus que seja bom. Se quereis entrar na vida, guardai os mandamentos.”

(São Mateus, cap. XIX, v. 16, 17. São Marcos, cap. X, v. 17, 18. São Lucas, cap. XVIII, v. 18, 19.)

“Não falei, de nenhum modo, de mim mesmo; mas meu Pai, que me enviou, foi quem me prescreveu, por seu poder, o que devo dizer, e como devo falar; e eu sei que o seu poder é a vida eterna; o que eu digo, pois, o digo segundo o que meu Pai me ordenou.”

(São João, cap. XII, v. 49, 50.)

“Jesus lhes respondeu: Minha doutrina não é minha doutrina, mas a doutrina daquele que me enviou. Se alguém quer fazer a vontade de Deus, reconhecerá se a minha doutrina é dele, ou se falo de mim mesmo. Aquele que fala de seu próprio movimento procura sua própria glória, mas aquele que procura a glória de quem o enviou é verídico, e nele, de nenhum modo, há injustiça.”

(São João, cap. VII, v. 16, 17.)

“O céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. Pelo que é do dia e da hora, o homem não o sabe, nem mesmo os anjos que estão no céu, nem mesmo o Filho, mas somente o Pai.”

(São Marcos, cap. XIII, v. 32. São Mateus, cap. XXIV v. 35, 36.)

“Jesus lhes disse, pois: Quando houverdes levantado ao alto o filho do homem, então conhecereis o que sou, porque eu não faço nada de mim mesmo, não digo senão o que meu Pai me ensinou; e aquele que me enviou está comigo, e de modo nenhum me deixou só, porque faço sempre o que lhe é agradável.”

(São João, cap. VIII, v. 28, 29.)

“Por causa disso, os Judeus perseguiram Jesus e procuravam fazê-lo morrer, porque fizera essas coisas no sábado. Mas Jesus lhes disse: Meu pai age até o presente, e eu ajo também.”

(São João, cap. V, v. 16, 17.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

“Se guardardes meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, como eu mesmo guardei os mandamentos de meu Pai, e permaneço em seu amor.”

(São João, cap. XV, v. 10.)

‘Então Jesus, lançando uma grande exclamação, disse: Meu Pai, reponho minha alma em vossas mãos. E, pronunciando estas palavras, expirou.’

(São Lucas, cap. XXIII, v. 46.) (Obras Póstumas – Estudo sobre a natureza do Cristo.)

IV – Palavras de Jesus, depois da Sua morte

“Jesus lhe respondeu: Não me toques, porquanto ainda não subi a meu Pai; vai, porém, ter com meus irmãos e dize-lhes de minha parte: Subo a meu Pai e vosso Pai, a MEU DEUS e vosso Deus.”

(S. João, 20:17. Aparição a Maria Madalena.)

“Mas, aproximando-se, Jesus lhes falou assim: Todo o poder me foi dado no céu e na terra.” (S. Mateus, 28:18. Aparição aos Apóstolos.)

“Ora, sois testemunhas destas coisas. — Vou enviar-vos o dom de meu Pai, que vos foi prometido.” (S. Lucas, 24:48 e 49. Aparição aos Apóstolos.)

Tudo, pois, nas palavras de Jesus, quer as que ele disse em vida, quer as de depois de sua morte, acusa uma dualidade de entidades perfeitamente distintas, assim como o profundo sentimento da sua inferioridade e da sua subordinação em face do Ente supremo. Pela sua insistência em afirmá-lo espontaneamente, sem a isso ser constrangido ou provocado por quem quer que fosse, parece ter querido protestar de antemão contra o papel que, segundo a sua previsão, lhe seria atribuído. Se houvesse guardado silêncio sobre a sua personalidade, o campo teria ficado aberto a todas as suposições, como a todos os sistemas. A precisão, porém, da sua linguagem afasta todas as incertezas.

Que autoridade maior se pode pretender, do que a das suas próprias palavras? Quando ele diz categoricamente: eu sou ou não sou isto ou aquilo, quem ousaria arrogar-se o direito de desmentilo, embora para colocá-lo mais alto do que ele a si mesmo se coloca? Quem pode racionalmente pretender estar mais esclarecido do que ele sobre a sua própria natureza? Que interpretações podem prevalecer contra afirmações tão formais e multiplicadas como estas: “Não vim de mim mesmo, mas aquele que me enviou é o único Deus verdadeiro. — Foi de sua parte que vim. — Digo o que vi junto a meu Pai. — Não me cabe a mim vo-lo conceder; isso será para aqueles a quem meu Pai o preparou. — Vou para meu Pai, porque meu Pai é maior do que eu. — Por que me chamas bom? Bom não há senão somente Deus. — Não tenho falado por mim mesmo; meu Pai, que me enviou, foi quem me prescreveu, por mandamento seu, o que devo dizer.

— A doutrina que prego não é minha, mas daquele que me enviou.

— A palavra que tendes ouvido não é minha, mas de meu Pai que me enviou.

— Nada faço de mim mesmo; digo unicamente o que meu Pai me ensinou.

— Nada posso fazer de mim mesmo.

— Não cuido de fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.

— Tenho-vos dito a verdade que aprendi de Deus.

— Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou.

— Tu que és o único Deus verdadeiro e Jesus Cristo a quem enviaste.

— Meu Pai, nas tuas mãos entrego a minha alma.

— Meu Pai, se for possível, faze que de mim se afaste este cálice.

— Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus”.

Quando se leem tais palavras, fica-se a perguntar como há podido vir, sequer, à mente de alguém a idéia de atribuir-lhes sentido diametralmente oposto ao que elas exprimem tão claramente, de conceber uma identificação completa, de natureza e de poder, entre o Senhor e aquele que se declara seu servidor. Neste grande processo, que dura há quase quinze séculos, quais as peças de convicção? Os Evangelhos — não há outras —, os quais, no ponto em litígio, não dão lugar a qualquer equívoco. Há documentos autênticos, que não se podem contestar, sem arguir de falsa a veracidade dos evangelistas e do próprio Jesus, documentos que se apoiam em testemunhos oculares, que é que contrapõem? Uma doutrina teórica puramente especulativa, nascida, três séculos mais tarde, de uma polêmica travada sobre a natureza abstrata do Verbo, doutrina essa rigorosamente combatida durante muitos séculos e que só prevaleceu pela pressão de um poder civil absoluto.

95. Depois da crucificação, o tom das palavras de Jesus acerca dele mesmo mudou?

Não. Vê-se, assim, que tudo acusa nas palavras dele, seja quando vivo, seja depois de sua morte, uma dualidade de pessoas perfeitamente distintas, assim como o profundo sentimento de sua inferioridade e subordinação com relação ao Ser supremo.

Por sua insistência em afirmá-lo, espontaneamente, sem ser a isso constringido nem provocado, parece que fazia um protesto antecipado contra o papel que lhe seria, no futuro, atribuído pela Igreja.

Estas citações referentes ao período pós-morte o comprovam:

“Jesus lhes respondeu: Não me toqueis, porque ainda não subi para o meu Pai; mas ide procurar os meus irmãos e lhes dizei, de minha parte: Eu subi para o meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.”

(Aparição a Maria Madalena. São João, cap. XX, v. 17.)

“Mas Jesus, aproximando-se, assim lhes falou: Todo poder me foi dado no céu e sobre a Terra.”
(Aparição aos Apóstolos. São Mateus, cap. XXVIII, v. 18.)

“Ora, sois testemunhas destas coisas. E eu vou enviar-vos o dom de meu Pai que vos foi prometido.”

(Aparição aos Apóstolos. São Lucas, cap. XXIV, v. 48, 49.)

(Obras Póstumas – Estudo sobre a natureza do Cristo.)

V – Dupla natureza de Jesus

Poder-se-ia objetar que, em virtude da dupla natureza de Jesus, suas palavras exprimiam seu sentir como homem e não como Deus. Sem, neste momento, examinarmos por que encadeamento de circunstâncias chegaram, muito mais tarde, à hipótese dessa dupla natureza, admitámo-la, por um instante, e vejamos se, em vez de elucidar a questão, ela não a complica ainda mais, ao ponto de torná-la insolúvel.

O que, em Jesus, haveria de humano era o corpo, a parte material. Deste ponto de vista, compreende-se que ele haja podido sofrer e tenha mesmo sofrido como homem.

A alma, o Espírito, a mente, numa palavra, a parte espiritual do Ser é o que haveria nele de divino. Se ele sentia e sofria como homem, como Deus é que pensaria e falaria.

Falava como homem ou como Deus? Eis uma questão importante, pela autoridade excepcional dos seus ensinamentos.

Se falava como homem, suas palavras são passíveis de controvérsia; se falava como Deus, são indiscutíveis e temos de aceitá-las e de com elas conformar-nos, sob pena de deserção e de heresia. O mais ortodoxo será aquele que mais se aproximar delas.

Dir-se-á que, sob o seu envoltório corporal, Jesus não tinha consciência da sua natureza divina? Mas, se fosse assim, ele não teria, sequer, pensado como Deus, sua natureza divina houvera permanecido em estado latente; só a natureza humana teria presidido à sua missão, aos seus atos morais, como aos seus atos materiais. É, pois, impossível abstrair-se da sua natureza divina durante a sua vida, sem se lhe enfraquecer a autoridade.

Mas, se ele falou como Deus, por que esse incessante protesto contra a sua natureza divina que, em tal caso, ele não podia ignorar? Ter-se-ia então enganado, o que seria pouco divino, ou teria cientemente enganado o mundo, o que ainda o seria menos. Parece-nos difícil sair desse dilema.

Se se admitir que falou ora como homem, ora como Deus, a questão se complica, pela impossibilidade de distinguir-se o que vinha do homem e o que procedia de Deus.

Dado que ele tivesse motivos para dissimular sua verdadeira natureza durante a missão que desempenhava, o meio mais simples teria sido não falar dela, ou exprimir-se, como o fez noutras circunstâncias, de modo vago e parabólico, sobre os pontos cujo conhecimento estava reservado ao futuro. Ora, este não é aqui o caso, pois que as palavras acima nenhuma ambigüidade apresentam.

Enfim, se, apesar de todas estas considerações, ainda se pudesse supor que, quando vivo, ele ignorava a sua verdadeira natureza, outro tanto já não se pode admitir se desse, depois da sua ressurreição, visto que, quando aparece a seus discípulos, já não é o homem quem fala, é o Espírito desprendido da matéria, que já havia de ter recobrado a plenitude de suas faculdades espirituais e a consciência do seu estado normal, da sua identificação com a divindade. Entretanto, foi então que disse: Subo para meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus!

A subordinação de Jesus é ainda indicada pela sua qualidade mesma de mediador, que implica a existência de uma pessoa distinta. É ele quem intercede junto a seu Pai; quem se oferece em sacrifício para remissão dos pecadores.

Ora, se ele é o próprio Deus, ou se fosse em tudo igual a este, não precisaria interceder, porquanto ninguém intercede junto a si mesmo.

96. Jesus não poderia ter-se enganado e, por engano, haver ocultado sua natureza divina?

Se fosse razoável supor que, quando vivo, Jesus tenha ignorado sua verdadeira natureza, essa opinião não é mais admissível depois da sua ressurreição, uma vez que, quando aparece aos seus discípulos, não é mais o homem que fala, é o Espírito desligado da matéria, que deveria já ter recobrado a plenitude de suas faculdades espirituais e a consciência de seu estado normal, de sua identificação com a divindade.

Contudo, é então que ele diz: Eu subo para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus!

A subordinação de Jesus é ainda indicada pela sua própria qualidade de mediador, que implica a existência de uma pessoa distinta; é ele que intercede junto de seu Pai, que se oferece em sacrifício para resgatar os pecadores; ora, se é Deus ele mesmo, ou se lhe era igual em todas as coisas, não tinha necessidade de interceder, porque não se intercede junto de si mesmo.

(Obras Póstumas – Estudo sobre a natureza do Cristo.)

VI – Opinião dos Apóstolos

Até aqui, apoiamo-nos exclusivamente nas palavras do Cristo, como único elemento peremptório de convicção, porque, fora daí, somente há opiniões pessoais.

De todas essas opiniões, as de maior valor são, incontestavelmente, as dos apóstolos, uma vez que estes o assistiram em sua missão e uma vez também que, se ele lhes houvesse dado instruções secretas, respeito à sua natureza, alguns traços dessas instruções se descobririam nos escritos deles. Tendo vivido na sua intimidade, melhor do que ninguém haviam eles de conhecê-lo. Vejamos, pois, de que maneira o consideraram.

“Oh! Israelitas, escutai as palavras que vos vou dizer: Sabeis que Jesus de Nazaré foi um homem que Deus tornou célebre entre vós, pelas maravilhas, prodígios e milagres que o mesmo Deus fez por seu intermédio no meio de vós.

— Entretanto, vós o crucificastes e lhe destes, morte pelas mãos dos maus, tendo-vos ele sido entregue por ordem expressa da vontade de Deus e por decreto da sua presciência.

— Mas, Deus o ressuscitou, detendo as dores do inferno, por impossível que ele aí permanecesse.

— Porque David disse em seu nome: Eu tinha o Senhor presente sempre diante de mim, a fim de que eu não fosse abalado.

— É por isso que o meu coração se rejubilou, que a minha língua cantou cânticos de alegria e que a minha carne mesma repousará em esperança;

— porque não deixareis minha alma no inferno e não permitireis que o vosso Santo experimente a corrupção.

— Vós me fizestes conhecer o caminho da vida e me encheis da alegria que dá a vista do vosso semblante.” (Atos dos Apóstolos, 2:22 a 28. Prédica de S. Pedro.)

“Depois então que foi elevado pelo poder de Deus e que recebeu o cumprimento da promessa que o Pai lhe fizera de enviar o Santo Espírito, ele espalhou esse Espírito Santo que agora vedes e ouvis;

— porquanto David não subiu ao céu.

— Ora, ele próprio disse: O Senhor disse a meu Senhor: senta-te à minha direita

— até que eu haja reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo.

— Que, pois, toda a Casa de Israel saiba, com absoluta certeza, que Deus fez Senhor e Cristo a esse Jesus que vós crucificastes.”

(Atos dos Apóstolos, 2:33 a 36. Prédica de S. Pedro.)

“Moisés disse a nossos pais: o Senhor vosso Deus vos suscitará dentre os vossos irmãos um profeta como eu. Escutai-o em tudo o que ele disser.

— Quem não escutar esse profeta será exterminado do meio do povo.

“Foi por vós primeiramente que Deus suscitou seu Filho e vo-lo enviou para vos abençoar, a fim de que cada um se convertesse da sua má vida.” (Atos dos Apóstolos, 3:22, 23 e 26. Prédica de S. Pedro.)

“Declaramos a todos vós e a todo o povo de Israel que é pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo de Nazaré, a quem crucificastes e que Deus ressuscitou dentre os mortos; é por ele que este homem está agora curado, como o vedes, diante de vós.”

(Atos dos Apóstolos, 4:10. Prédica de S. Pedro.)

“Os reis da terra se levantaram e os príncipes se uniram contra o Senhor e contra o seu Cristo.

— Herodes e Pôncio Pilatos com os Gentios e o povo de Israel verdadeiramente se conluiaram contra o vosso santo Filho Jesus, a quem consagrastes por vossa unção, para fazer tudo o que o vosso poder e o vosso conselho haviam ordenado que fosse feito.”

(Atos dos Apóstolos, 4:26 a 28. Prece dos Apóstolos.)

“Pedro e os outros apóstolos responderam: Cumpre obedecer antes a Deus do que aos homens.

— O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus que vós fizestes morrer pendurando-o no madeiro.

— Foi a ele que Deus elevou pela sua destra, como sendo o príncipe e o salvador, para dar a Israel a graça da penitência e a remissão dos pecados.”

(Atos dos Apóstolos, 5:29 a 31. Resposta dos Apóstolos ao sumo sacerdote.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

“Foi esse Moisés que disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre os vossos irmãos um profeta como eu, escutai-o.

“Mas, o Altíssimo não habita em templos feitos pelas mãos dos homens, segundo esta palavra do profeta:

— O céu é meu trono e a terra meu escabelo. Que casa me edificareis, diz o Senhor? e qual poderia ser o lugar de meu repouso?”

(Atos dos Apóstolos, 7:37, 48 e 49. Discurso de Estêvão.)

“Mas, estando Estêvão cheio do Espírito Santo e elevando os olhos ao céu, viu a glória de Deus e a Jesus que estava de pé à direita de Deus, e disse: Vejo abertos os céus e o Filho do homem que está de pé à direita de Deus.

“Então, lançando grandes brados e tapando os ouvidos, todos juntos se lançaram sobre ele; e, tendo-o arrastado para fora dos muros da cidade, o lapidaram; e as testemunhas, tomando-lhe as vestes, as puseram aos pés de um mancebo chamado Saulo (mais tarde Paulo). — Enquanto o lapidavam, Estêvão invocava a Jesus, dizendo: Senhor Jesus, recebe meu Espírito.”

(Atos dos Apóstolos, 7:55 a 58. Martírio de Estêvão.)

Estas citações comprovam claramente o caráter que os apóstolos atribuíam a Jesus. A idéia exclusiva que ressalta desses textos é a da sua subordinação a Deus, da constante supremacia de Deus, sem que coisa alguma aí revele um pensamento de assimilação qualquer, de natureza e de poder. Para eles, Jesus era um homem profeta, escolhido e abençoado por Deus. Não foi, pois, entre os apóstolos que teve origem a crença na divindade de Jesus. S. Paulo, que não conheceu a Jesus, mas que, de ardoroso perseguidor, se tornou o mais zeloso e o mais eloquente discípulo da nova fé e cujos escritos prepararam os primeiros formulários da religião cristã, não é menos explícito a respeito. Há nele o mesmo sentimento de dois seres distintos e da supremacia do Pai sobre o Filho.

“Paulo, servidor de Jesus Cristo, apóstolo da vocação divina, escolhido e destinado a anunciar o evangelho de Deus

— que ele antes prometera por seus profetas nas escrituras santas

— no tocante a seu filho, que lhe nasceu, segundo a carne, do sangue e da raça de David; — que foi predestinado a ser filho de Deus, num soberano poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos; no tocante, digo, a Jesus Cristo, nosso Senhor;

— por quem recebemos a graça do apostolado, para fazer que obedeçam à fé todas as nações pela virtude do seu nome;

— no rol das quais também estais vós, como tendo sido chamados por Jesus Cristo;

— a vós que estais em Roma, que sois queridos de Deus e chamados a ser santos; que Deus, nosso Pai, e Jesus Cristo, nosso Senhor, vos deem a graça e a paz.”

(Aos Romanos, 1:1 a 7.)

“Estando assim justificados pela fé, tenhamos a paz com Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor.

“Porque, quando ainda estávamos nos langores do pecado, Jesus Cristo morreu por ímpios como nós, no tempo destinado por Deus.

“Jesus Cristo não deixou de morrer por nós no tempo destinado por Deus. Assim, estando agora justificados pelo seu sangue, seremos, com mais forte razão, isentados por ele da cólera de Deus.

“E não somente fomos reconciliados, como até nos glorificamos em Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor, por quem obtivemos essa reconciliação.

“Se muitos morreram pelo pecado de um só, a misericórdia e o dom de Deus se derramaram, com mais forte razão, mais abundantemente sobre muitos pela graça de um só homem, que é Jesus Cristo.”

(Aos Romanos, 5:1, 6, 9, 11, 15, 17.)

“Se somos filhos, somos também herdeiros, HERDEIROS de Deus e CO HERDEIROS de Jesus Cristo, contanto, porém, que soframos com ele.”

(Aos Romanos, 8:17.)

“Se confessais de boca que Jesus Cristo é o Senhor e se credes de coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, sereis salvos.”

(Aos Romanos, 10:9.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

“Em seguida virá a consumação de todas as coisas, quando ele houver entregue o seu reino a Deus e Pai e houver destruído todo império, toda dominação, todo poder — porquanto Jesus Cristo tem de reinar, até que seu Pai haja posto sob seus pés todos os seus inimigos. — Ora, a morte será o último inimigo a ser destruído, pois a Escritura diz que Deus tudo lhe pôs debaixo dos pés e tudo lhe sujeitou, sendo indubitável que daí se deve excetuar aquele que submeteu todas as coisas. — Quando, pois, todas as coisas estiverem submetidas ao Filho, então o Filho estará, ele mesmo, submetido àquele que lhe terá submetido todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos.”

(I aos Coríntios, 15:24 a 28.)

“Mas, vemos que Jesus, que fora tornado, por um pouco de tempo, inferior aos anjos, foi coroado de glória e de honras, devido à morte que ele sofreu; Deus em sua bondade, tendo querido que ele morresse por todos — por ser ele bem digno de Deus, para quem e por quem são todas as coisas, quis que, por querer conduzir à glória muitos filhos, ele consumasse e aperfeiçoasse pelo sofrimento aquele que havia de ser o chefe e o autor da salvação deles.

“Assim, o que santifica e os que são santificados vêm todos de um mesmo princípio; por isso é que ele não se vexa de lhes chamar irmãos — dizendo:

Anunciarei o teu nome aos meus irmãos; entoar-te-ei louvores no meio da assembleia do teu povo. —E, algures:

Porei nele a minha confiança. E, noutro lugar: eis-me aqui com os filhos que Deus me deu.

“Eis por que necessário se tornou que ele fosse em tudo semelhante a seus irmãos, para ser, diante de Deus, um pontífice compassivo e fiel em seu ministério, a fim de expiar os pecados do povo.

— Pois, é das penas e dos sofrimentos mesmos, pelos quais foi tentado e experimentado, que ele tira a virtude e a força de socorrer os que também são tentados.”

(Aos Hebreus, 2:9 a 13, 17 e 18.)

“Portanto, meus santos irmãos, vós que tendes parte na vocação celeste, considerai a Jesus, que é o apóstolo e o pontífice da religião que professamos;

— que é fiel àquele que o estabeleceu nesse cargo, como Moisés lhe foi fiel em toda a sua casa;

— porquanto ele foi julgado digno de uma glória tanto maior do que a de Moisés, quanto aquele que edificou a casa é mais estimável do que a própria casa; visto não haver casa que não tenha sido construída por alguém. Ora, aquele que é o arquiteto e o criador de todas as coisas é Deus.”

(Aos Hebreus,3:1 a 4.)

97. Que opinião tinham os apóstolos sobre o Cristo e sua natureza?

Os textos a seguir mostram o que os apóstolos pensavam a respeito do Cristo:

"Ó Israelitas, escutai as palavras que vou vos dizer: Sabeis que Jesus de Nazaré foi um homem que Deus tornou célebre entre vós pelas maravilhas, pelos prodígios e pelos milagres que fez por ele no vosso meio. Entretanto, o crucificastes, e o fizestes morrer pelas mãos dos maus, tendo-o entregue por uma ordem expressa da vontade de Deus e por um decreto de sua presciência.

Mas Deus o ressuscitou, parando as dores do inferno, sendo impossível que ali fosse retido. Porque Davi disse em seu nome: Tenho sempre o Senhor presente diante de mim, porque ele está à minha direita, a fim de que eu não seja abalado. É por isso que o meu coração está alegre, que a minha língua cantou cânticos de alegria, e que mesmo a minha carne repousará em esperança; porque não deixareis minha alma no inferno e não permitireis nunca que vosso Santo sofra a corrupção.

Vós me fizestes conhecer o caminho da vida, e me encheis com a alegria que dá a visão do vosso rosto."

(Atos dos Apóstolos, cap. II, v. 22 a 28. Pregação de São Pedro.)

"Moisés disse aos nossos pais:

O Senhor vosso Deus vos suscitará, dentre os vossos irmãos, um profeta como eu; escutai-o em tudo o que vos dirá. Quem não escutar esse profeta será exterminado do meio do povo.

Foi por vós primeiramente que Deus suscitou seu filho, e vo-lo enviou para vos bendizer, a fim de que cada um se convertesse de sua má vida."

(Atos dos Apóstolos, cap. III, v. 22, 23, 26. Pregação de São Pedro.)

"Nós vos declaramos, a todos vós e a todo povo de Israel, que é pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo de Nazaré, o qual haveis crucificado, e que Deus ressuscitou dentre os mortos; foi por ele que este homem está agora curado como o vedes diante de vós."

(Atos dos Apóstolos, cap. IV, v. 10. Pregação de São Pedro.)

"Pedro e os outros apóstolos responderam: é necessário antes obedecer a Deus do que aos homens.

O Deus de nossos Pais ressuscitou Jesus que fizestes morrer dependurando-o no madeiro.

Foi ele que Deus elevou para a sua direita como sendo o príncipe e o salvador, para dar a Israel a graça da penitência e a remissão dos pecados."

(Atos dos Apóstolos, cap. V, v. 29, 30, 31. Respostas dos Apóstolos ao grande sacerdote.)

"Mas Estêvão, estando cheio do Santo Espírito, e levantando os olhos aos céus, viu a glória de Deus, e Jesus que estava de pé à direita de Deus, e ele disse: Vejo abertos os céus, e o Filho do homem que está de pé à direita de Deus. Então, lançando grandes gritos, e tapando os ouvidos, lançaram-se juntos sobre ele; e tendo-o arrastado fora dos muros da cidade, lapidaram-no; e as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo (mais tarde São Paulo).

Assim lapidaram Estêvão, e ele invocava Jesus, e dizia: Senhor Jesus, recebi o meu Espírito."

(Atos dos Apóstolos, cap. VII, v. de 55 a 58. Martírio de Estêvão.)

Estas citações testemunham claramente o caráter que os apóstolos atribuíam a Jesus.

A ideia exclusiva que delas ressalta é a de sua subordinação a Deus, da constante supremacia de Deus, sem que nada ali revele um pensamento de assimilação qualquer de natureza e de poder.

Para eles, Jesus era um homem profeta, escolhido e bendito por Deus. Não foi, pois, entre os apóstolos que a crença na divindade de Jesus nasceu.

(Obras Póstumas – Estudo sobre a natureza do Cristo.)

98. Paulo chegou a manifestar-se sobre o assunto em suas epístolas?

Sim. Eis o que Paulo de Tarso escreveu sobre Jesus:

“Paulo, servidor de Jesus Cristo, apóstolo da vocação divina, escolhido e destinado para anunciar o evangelho de Deus, que ele prometera antes, pelos seus profetas, nas escrituras santas, com respeito a seu filho, que lhe nasceu, segundo a carne, do sangue e da raça de Davi; que foi predestinado para ser filho de Deus, num soberano poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos; com respeito, disse eu, a Jesus Cristo, nosso Senhor; por quem recebemos a graça do apostolado, para fazer obedecer, ao mesmo tempo, todas as nações pela virtude de seu nome; na fileira das quais estais também, como sendo chamadas por Jesus Cristo; a vós que estais em Roma, que sois queridos de Deus, e chamados para serem santos; que Deus, nosso Pai, e Jesus Cristo, nosso Senhor, vos deem a graça e a paz.”

(Romanos, cap. I, v. 1 a 7.)

“Assim, estando justificados pela fé, tenhamos a paz com Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Pois por que, quando estávamos na languidez do pecado, Jesus Cristo morreu por ímpios como nós, no tempo destinado por Deus? Jesus Cristo não deixou de morrer por nós no tempo destinado por Deus. Assim, estando agora justificados pelo seu sangue, seremos com mais forte razão, livrados por ele da cólera de Deus.

E não somente fomos reconciliados, a nós, nos glorificamos mesmo em Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor, por quem obtivemos essa reconciliação. Se pelo pecado de um só vários morreram, a misericórdia e o dom de Deus se derramaram, com mais forte razão, abundantemente, sobre vários pela graça de um só homem, que é Jesus Cristo.”

(Romanos, cap. V, v. 1, 6, 9, 11, 15, 17.)

“Se vos confessais de boca que Jesus Cristo é o Senhor e se credes de coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, sereis salvos.”

(Romanos, cap. X, v. 9.)

“Em seguida virá a consumação de todas as coisas, quando terá entregue o seu reino a Deus, seu Pai, e tiver destruído todo império, toda dominação, todo poder, porque Jesus Cristo deve reinar até que seu Pai tenha posto todos os seus inimigos sob os pés.

Ora, a morte será o último inimigo que será destruído; porque as Escrituras disseram que Deus os pôs todos sob os pés e a todos sujeitou-lhe; é indubitável que nisso é preciso excetuar aquele que sujeitou todas as coisas.

Quando, pois, todas as coisas estiverem submetidas ao Filho, quando o Filho estiver, ele mesmo, submetido a aquele que lhe terá submetido todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos.”

(1ª Epístola aos Coríntios, cap. XV, v. de 24 a 28.)

“Portanto, vós meus santos irmãos, que tendes parte na vocação celeste, considerai Jesus, que é o apóstolo e o pontífice da religião que professamos; que é fiel àquele que o estabeleceu nesse cargo, como Moisés lhe foi fiel em toda sua casa; porque ele foi julgado digno de uma glória tanto maior do que a de Moisés, do que aquele que edificou a casa, e mais estimável do que a própria casa; porque não há casa que não haja sido construída por alguém. Ora, aquele que é o arquiteto e o criador de todas as coisas é Deus.” (Hebreus, cap. III, v. de 1 a 4.)

(Obras Póstumas – Estudo sobre a natureza do Cristo.)

VII – Predições dos profetas com relação a Jesus

Além das afirmações de Jesus e da opinião dos apóstolos, há um testemunho cujo valor os crentes mais ortodoxos não poderiam contestar, pois que o apontam constantemente como artigo de fé: é o do próprio Deus, isto é, o dos profetas falando por inspiração e anunciando a vinda do Messias. Ora, aqui vão as passagens da Bíblia consideradas como predição desse grande acontecimento.

“Eu o vejo, porém não agora; olho-o, porém não de perto; uma estrela proveio de Jacob e um cetro se elevou de Israel e traspassará os chefes de Moab e destruirá todos os filhos de Seth.” (Números, 24:17.)

“Eu lhes suscitarei um profeta, como tu, dentre seus irmãos e porei na sua boca as minhas palavras e ele dirá o que eu lhe houver ordenado. E dar-se-á que àquele que não escutar as palavras que ele houver dito em meu nome, a esse pedirei contas.” (Deuteronômio, 18:18 e 19.)

“Acontecerá, pois, quando chegarem os dias de te ires com teus pais, que farei levantar-se a tua posteridade depois de ti, um de teus filhos, e estabelecerei o seu reino. Ele me construirá uma casa e eu firmarei o seu trono para sempre. Ser-lhe-ei pai e ele me será filho e dele não retirarei a minha misericórdia, como a retirei daquele que foi antes de ti, e o estabelecerei na minha casa e no meu reino para sempre e seu trono se afirmará para sempre.” (Paralipômenos, 17:11 a 14.)

“Eis por que o Senhor mesmo vos dará um sinal: uma virgem ficará grávida e parirá um filho e ele se chamará Emmanuel.” (Isaías, 7:14.)

“Pois o menino nos nasceu, o Filho nos foi dado e o império foi posto sobre seus ombros e chamar-se-lhe a, seu nome, o Admirável, o Conselheiro, o Deus forte, o Poderoso, o Pai da Eternidade, o Príncipe da paz.” (Isaías, 9:5.)

“Aqui está meu servidor, eu o sustentarei; é meu eleito, minha alma pôs nele sua afeição; nele pus o meu Espírito; ele exercerá a justiça entre as nações.

“Ele absolutamente não se retirará, nem se precipitará, até que eu haja estabelecido a justiça na terra e os seres se submeterão à sua lei.” (Isaías, 42:1 a 4.)

“Ele gozará do trabalho de sua alma e dele se fartará; e meu servo justo a muitos justificará, pelo conhecimento que terão dele e ele próprio lhes arrebatará as iniquidades.” (Isaías, 53:11.)

“Rejubila-te ao extremo, filha de Sião; solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei a ti virá, justo e salvador humilde e montado num jumento, sobre o potro de uma jumenta.

E eu farei desaparecer os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém e o arco do combate também desaparecerá e o rei falará de paz às nações. E sua dominação se estenderá de um mar a outro mar e do rio aos extremos da terra.” (Zacarias, 9:9 e 10.)

“E ele (o Cristo) se manterá e governará pela força do Eterno e com a magnificência do nome do Eterno seu Deus. E eles voltarão e agora ele será glorificado até às extremidades da terra e será ele quem fará a paz.” (Miqueias, 5:4.)

A distinção entre Deus e seu futuro enviado se acha aí caracterizada do modo mais formal. Deus o designa por seu servidor, conseqüentemente por seu subordinado. Nada há, em suas palavras, que implique a idéia de igualdade de poder, nem de consubstancialidade entre os dois seres.

Ter-se-ia Deus enganado e teriam visto com mais exatidão do que ele os homens que vieram três séculos depois de Jesus Cristo? Tal parece ser a pretensão deles.

Estudo aprofundado da Doutrina Espírita

Livro I – (Cristianismo e Espiritismo)

VII – PREDIÇÕES DOS PROFETAS COM

RELAÇÃO A JESUS

Previsões sobre a vinda de Jesus

O estudo dos fatos históricos, relacionados às previsões da vinda do Cristo, tem como base as afirmações de Jesus e a opinião dos apóstolos. Há, porém, “[...] um testemunho cujo valor os crentes mais ortodoxos não poderiam contestar, pois que o apontam constantemente como artigo de fé: é o do próprio Deus, isto é, o dos profetas falando por inspiração e anunciando a vinda do Messias”.

No Velho Testamento encontramos algumas profecias que anunciam o advento do Cristo. Citaremos algumas:

Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta; [...] e Ele anunciará paz às nações; e o seu domínio se estenderá de um mar a outro mar e desde o rio até às extremidades da terra (Zacarias, 9:9-10).

Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmperas de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete (Números, 24:17).

Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel (Isaías, 7:14).

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem-fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos exércitos fará isto (Isaías, 9:6-7).

Dele asseveraram os profetas de Israel, muito tempo antes da manjedoura e do calvário: “levantar-se-á como arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. É que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores. Presumireis na sua figura um homem vergando ao peso da cólera de Deus, mas serão os nossos pecados que o cobrirão de chagas sanguinolentas e as suas feridas hão de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas, para nos reunir no caminho de Deus, Ele sofrerá o peso das nossas iniquidades”.

Confirmando as profecias, Jesus nasceu na Terra, em um ambiente de lutas e conspirações. Viveu na Palestina durante o reinado de Herodes Antipas (4 a.C.–37 d.C.)

— filho de Herodes, o Grande, e de Maltace —, era também irmão de Arquelau, nomeado tetrarca da Galileia e da Pereia, em 4 a.C. Depois que Arquelau foi deposto, “Antipas recebeu o título dinástico Herodes, que tinha grande significação internamente e em Roma.”

O nascimento de Jesus está também previsto no Novo Testamento.

E, no sexto mês [de gravidez de Isabel, mãe de João Batista e prima de Maria santíssima], foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.

E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe as o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim. E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão? E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril.

Porque para Deus nada é impossível. Disse, então, Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela (Lucas, 1:26-38).

Os textos evangélicos informam que confirmada a gravidez de Maria, ela resolve fazer uma visita à sua prima Isabel, que também estava grávida no segundo trimestre de gestação.

E, naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressada às montanhas, a uma cidade de Judá, e entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel.

E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo, e exclamou com grande voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e é bendito o fruto do teu ventre! E de onde me provém isso a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? Pois eis que, ao chegar aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre (Lucas, 1:39-44).

VIII – O Verbo se fez carne

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

— Ele estava no princípio com Deus.

— Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que foi feito o foi sem ele.

— Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens.

— E a luz brilhou nas trevas e as trevas não a compreenderam.

“Houve um homem enviado de Deus, que se chamava João.

— Ele veio para servir de testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por ele.

— Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz.

“Aquele era a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu.

— Ele veio à sua casa e os seus não o receberam.

— Mas, ele deu a todos que o receberam o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que creem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo.

“E o Verbo foi feito carne e habitou entre nós e vimos a sua glória, qual a que o Filho único havia de receber do Pai; e ele, digo, habitou entre nós, cheio de graça e de verdade.”

(S. João, 1:1 a 14.)

Esta passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente uma idéia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus; é também a que serviu de base, mais tarde, à controvérsia a tal respeito.

A questão da divindade de Jesus surgiu gradativamente; nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações que alguns deram às palavras Verbo e Filho.

Só no quarto século uma parte da Igreja a adotou, em princípio.

Semelhante dogma resultou, pois, de decisão dos homens e não de uma revelação divina.

É de notar-se, antes de tudo, que as palavras acima citadas são de João e não de Jesus e que, ainda quando se admita que não tenham sido alteradas, elas não exprimem, na realidade, mais que uma opinião pessoal, uma indução, em que se depara com o misticismo habitual da sua linguagem; não poderiam, pois, prevalecer contra as reiteradas afirmações do próprio Jesus.

Mesmo, porém, aceitando-as tais quais são, elas não resolvem de modo algum a questão no sentido da divindade, porquanto se aplicariam igualmente a Jesus, criatura de Deus.

Com efeito, o Verbo é Deus, porque é a palavra de Deus.

Tendo recebido diretamente de Deus a palavra, com a missão de a revelar aos homens, ele a assimilou. A palavra divina, de que se penetrara, encarnou nele; ele a trouxe consigo ao nascer e assim é que João pôde com razão dizer:

O Verbo foi feito carne e habitou entre nós. Jesus podia, pois, ter sido encarregado de transmitir a palavra de Deus, sem ser o próprio Deus, como um embaixador transmite as palavras do seu soberano, sem ser o soberano. Segundo o dogma da divindade, é Deus quem fala; na outra hipótese, ele fala pela boca do seu enviado, o que nada tira à autoridade das suas palavras.

Mas, quem autoriza esta suposição, de preferência a outra? A única autoridade competente para decidir a questão é a das próprias palavras de Jesus, quando diz:

“Não tenho falado por mim mesmo; aquele que me enviou foi quem me prescreveu, por seu mandamento, o que tenho de dizer.

— A doutrina que prego não é minha, mas daquele que me enviou; a palavra que tendes ouvido não é palavra minha, mas de meu Pai que me enviou.” A ninguém fora possível exprimir-se com mais clareza e precisão.

A qualidade de Messias ou enviado, que Ihe é atribuída em todo o curso dos Evangelhos, implica uma posição subordinada com relação àquele que ordena; o que obedece não pode ser igual ao que manda. João caracteriza esta posição secundária e, por conseguinte, estabelece a dualidade de entidades, quando diz: E vimos a sua glória, tal como o Filho único devia recebê-la do Pai, visto que aquele que recebe não pode ser o que dá e aquele que dá a glória não pode ser o igual

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

daquele que a recebe. Se Jesus é Deus, possui a glória por si mesmo e não a espera de ninguém; se Deus e Jesus são um único ser sob dois nomes diferentes, entre eles não poderia existir supremacia, nem subordinação. Ora, não havendo paridade absoluta de posições, segue-se que são dois seres distintos.

A qualificação de Messias divino não exprime que haja mais igualdade entre o mandatário e o mandante, do que a de enviado real entre um rei e seu representante.

Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus.

100. “E o Verbo se fez carne.” A passagem do Evangelho de João que consigna esta frase dá base ao dogma da divindade de Jesus?

Eis o texto atribuído a João: “No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no começo com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; e nada do que fez não fez sem ele. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens; e a luz brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam. (...) E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e vimos a sua glória, sua glória tal quanto o Filho único deveria recebê-la do Pai; ele, digo eu, habitou entre nós, cheio de graça e de verdade.”

(João, cap. 1º, v. de 1 a 14.)

Esta passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente uma ideia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus; é também aquela sobre a qual se estabeleceu, mais tarde, a controvérsia a este respeito.

A questão da divindade de Jesus não chegou senão gradualmente; nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações dadas, por alguns, às palavras Verbo e Filho. Não foi senão no quarto século que ela foi adotada, em princípio, por uma parte da Igreja.

Esse dogma é, pois, o resultado de uma decisão dos homens e não uma revelação divina.

Há de início a notar que as palavras citadas são de João, e não de Jesus, e que, admitindo que não hajam sido alteradas, não exprimem, em realidade, senão uma opinião pessoal, uma indução derivada do misticismo habitual de sua linguagem. Elas não poderiam, pois, prevalecer contra as afirmações reiteradas do próprio Jesus. Mas, aceitando-as tais quais são, elas não resolvem de nenhum modo a questão no sentido da divindade, porque se aplicariam igualmente a Jesus, criatura de Deus.

Com efeito, o Verbo é Deus, porque é a palavra de Deus. Tendo Jesus recebido essa palavra diretamente de Deus, com a missão de revelá-la aos homens, assimilou-a.

A palavra divina, da qual estava penetrado, se encarnou nele; ele trouxe-a ao nascer, e foi com razão que João pôde dizer:

O Verbo se fez carne, e habitou entre nós.

Jesus poderia, pois, estar encarregado de transmitir a palavra de Deus sem ser Deus, ele mesmo, como um embaixador transmite as palavras de seu soberano, sem ser o soberano.

Essa ideia tem seu fundamento nas próprias palavras de Jesus, quando disse:

“Eu nunca falei de mim mesmo, mas aquele que me enviou me prescreveu, por seu mandamento, o que devo dizer; minha doutrina não é a minha doutrina, mas a doutrina daquele que me enviou, a palavra que ouvistes não é minha palavra, mas a de meu Pai que me enviou”.

É impossível exprimir-se com mais clareza e precisão. A qualidade de Messias ou enviado, que lhe é dada em todo o curso dos Evangelhos, implica uma posição subordinada com relação àquele que ordena; aquele que obedece não pode estar igual àquele que manda. João caracteriza essa posição secundária, e, por consequência, estabelece a dualidade das pessoas quando diz:

E vimos a sua glória, tal quanto “O Filho único deveria receber do Pai”; porque aquele que recebe não pode ser igual àquele que dá, e aquele que dá a glória não pode ser igual àquele que a recebe.

A qualificação de Messias divino não implica, pois, a igualdade entre o mandatário e o mandante, como a do enviado real entre um rei e seu representante.

Jesus era um messias divino pelo duplo motivo que tinha a sua missão de Deus e que suas perfeições o colocavam em relação direta com Deus.

(Obras Póstumas - Estudo sobre a natureza do Cristo.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

Nota da Redação – Para se compreender bem esse aspecto do Evangelho de João é preciso ter em conta o que Emmanuel relata em seu livro *A Caminho da Luz*, obra psicografada pelo médium Chico Xavier no período de 17 de agosto a 21 de setembro de 1938.

No trecho a seguir transcrito, Emmanuel diz quem é Jesus e qual o seu papel na condução de nosso planeta:

“Rezam as tradições do mundo espiritual que, na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.”

(*A Caminho da Luz*, cap. I - A gênese planetária.)

No texto seguinte, Emmanuel fala do trabalho realizado por Jesus no tocante à formação do nosso planeta:

“Ele havia vencido todos os pavores das energias desencadeadas; com as suas legiões de trabalhadores divinos, lançou o escopro da sua misericórdia sobre o bloco de matéria informe, que a Sabedoria do Pai deslocara do Sol para as suas mãos augustas e compassivas. Operou a escultura geológica do orbe terreno, talhando a escola abençoada e grandiosa, na qual o seu coração haveria de expandir-se em amor, claridade e justiça.

Com os seus exércitos de trabalhadores devotados, estatuiu os regulamentos dos fenômenos físicos da Terra, organizando-lhes o equilíbrio futuro na base dos corpos simples de matéria, cuja unidade substancial os espectroscópios terrenos puderam identificar por toda a parte no universo galáctico. Organizou o cenário da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência dos seres do porvir.

Fez a pressão atmosférica adequada ao homem, antecipando-se ao seu nascimento no mundo, no curso dos milênios; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera, onde se harmonizam os fenômenos elétricos da existência planetária, e edificou as usinas de ozônio a 40 e 60 quilômetros de altitude, para que filtrassem convenientemente os raios solares, manipulando-lhes a composição precisa à manutenção da vida organizada no orbe. Definiu todas as linhas de progresso da humanidade futura, engendrando a harmonia de todas as forças físicas que presidem ao ciclo das atividades planetárias.”

(*A Caminho da Luz*, cap. I – A gênese planetária.)

IX – Filho de Deus e filho do homem

O título de Filho de Deus, longe de implicar igualdade, é, muito ao contrário, indício de uma submissão. Ora, ninguém é submetido a si mesmo, mas a alguém.

Para que Jesus fosse, em absoluto, igual a Deus, fora preciso que ele existisse, como Deus, de toda a eternidade, isto é, que fosse incriado. Ora, o dogma diz que Deus o gerou desde toda a eternidade; mas quem diz gerou diz criou. Fosse ou não desde toda a eternidade, ele não deixa por isso de ser uma criatura e de estar, como tal, subordinada ao seu Criador. É a idéia que implicitamente se contém no termo Filho.

Nasceu Jesus no tempo? Ou, por outra: houve um tempo, na eternidade passada, em que ele não existia? Ou é ele coeterno com o Pai? Tais as sutilezas sobre que disputaram durante séculos. Em que autoridade se apoia a doutrina da coeternidade, que passou ao estado de dogma? Na opinião dos homens que a engendraram. Mas, esses homens em que autoridade fundaram semelhante opinião? Não foi na de Jesus, pois que este se declara subordinado; não foi na dos profetas que o anunciam como o enviado e o servo de Deus. Em que documentos desconhecidos, mais autênticos do que os Evangelhos, encontraram eles tal doutrina? Parece que só na consciência e na superioridade de suas próprias luzes.

Deixemos, pois, essas discussões vãs, que a nada conduzem e cuja própria solução, fosse esta possível, não tornaria melhores os homens. Digamos que Jesus é Filho de Deus, como todas as criaturas, que ele chama a Deus Pai, como nós aprendemos a tratá-lo de nosso Pai. É o Filho bem-amado de Deus, porque, tendo alcançado a perfeição, que aproxima de Deus a criatura, possui toda a confiança e toda a afeição de Deus. Ele se diz Filho único, não porque seja o único ser que haja chegado à perfeição, mas porque era o único predestinado a desempenhar aquela missão na Terra.

Se pode parecer que a qualificação de Filho de Deus apoia a doutrina da divindade, o mesmo já não se dá com a de Filho do homem, que também Jesus deu a si mesmo, em sua missão, e que constituiu objeto de muitos comentários.

Para lhe compreendermos o verdadeiro sentido, temos que remontar à Bíblia, onde a encontramos dada pelo próprio Deus ao profeta Ezequiel.

“Tal a imagem do Senhor, que me foi apresentada. Ao ver aquelas coisas, caí de rosto em terra e ouvi uma voz que me falou assim: Filho do homem, tem-te de pé e eu falarei contigo.

— E, tendo-me falado dessa maneira, o Espírito entrou em mim e me firmou nos pés e ouvi que me falava, dizendo: Filho do homem, envio-te aos filhos de Israel, a um povo apóstata, que se retirou de mim. Violaram até hoje, eles e seus pais, a aliança que eu com eles fizera.”

(Ezequiel, 2:1 a 3.)

“Filho do homem, eis que eles te prepararam grilhões; acorrentar-te-ão e dali não sairás.”

(Idem, 3:25.)

“O Senhor me dirigiu então a palavra, dizendo:

— E tu, Filho do homem, ouve o que diz o Senhor Deus à terra de Israel: o fim vem; vem esse fim nos quatro cantos da terra.”

(Idem, 7:1 e 2.)

“No décimo dia do décimo mês do nono ano, o Senhor me dirigiu a palavra, dizendo:

— Filho do homem, marca bem este dia em que o rei de Babilônia reuniu suas tropas diante de Jerusalém.” (Idem, 24:1 e 2.)

“Disse-me ainda o Senhor estas palavras:

— Filho do homem, vou ferir-vos com uma chaga e tirar-vos o que há de mais agradável aos vossos olhos; mas, não me fareis lamentações fúnebres; não chorareis e lágrimas não vos correrão pelas faces.

— Gemereis em segredo e não vos enlutareis, como se faz pelos mortos; a vossa coroa se conservará presa a vossa cabeça e tereis nos pés as vossas sandálias; não cobrireis o vosso rosto e não comereis as viandas que se dão aos que se acham de luto.

— Falei então pela manhã ao povo e à tarde minha mulher morreu.

No dia seguinte, fiz o que Deus me ordenara.” (Idem, 24:15 a 18.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

“O Senhor ainda me falou e disse:

— Filho do homem, profetiza com referência aos pastores de Israel; profetiza e dize aos pastores: Eis o que diz o Senhor Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos; os pastores não apascentam seus rebanhos?” (Idem, 34:1 e 2.)

“Então, eu o ouvi que me falava, dentro da casa; e o homem que me estava próximo disse: — Filho do homem, está aqui o lugar do meu trono, o lugar onde porei meus pés e onde ficarei para sempre no meio dos filhos de Israel e a casa de Israel não profanará mais o meu santo nome no futuro, nem eles, nem seus reis, com as suas idolatrias, com os sepulcros de seus reis, nem com as nobres descendências.” (Idem, 43:6 e 7.)

“Porque, Deus não ameaça como o homem e não entra em furor como o Filho do homem.” (Judith, 8:15.)

É evidente que a qualificação de Filho do homem quer aqui dizer: que nasceu do homem, por oposição ao que está fora da Humanidade. A última citação, tirada do livro de Judith, não permite dúvida quanto ao significado da expressão, usada em sentido muito literal. Deus somente assim designa a Ezequiel, certamente para lhe lembrar que, malgrado ao dom de profecia que lhe fora concedido, ele não deixava de pertencer à Humanidade e a fim de que não se considerasse de natureza excepcional.

Jesus dá a si mesmo essa qualificação com persistência notável, pois só em circunstâncias muito raras ele se diz Filho de Deus. Em sua boca, não pode ter ela outra significação, que não lembrar que também ele pertence à Humanidade, identificando-se desse modo aos profetas que o precederam e aos quais se comparou, aludindo à sua morte, quando disse: Jerusalém, que matas os profetas! A insistência com que ele se designa por filho do homem parece um protesto antecipado contra a qualidade que, segundo previa, lhe seria dada mais tarde, a fim de ficar bem determinado que essa qualidade não saíra de seus lábios.

É de notar-se que, durante essa interminável polêmica que apaixonou os homens por longa série de séculos e que ainda, continua, que acendeu fogueiras e fez correr rios de sangue, o que se discutia era uma abstração, a natureza de Jesus, da qual se fizera a pedra angular do edifício, embora deste não falassem e hajam olvidado uma coisa, a que o Cristo disse ser toda a lei e os profetas: o amor de Deus e do próximo e a caridade, que ele estabeleceu como condição expressa da salvação. Aferraram-se à questão da afinidade de Jesus com Deus e emudeceram com relação às virtudes que ele recomendou e exemplificou.

O próprio Deus ficou apagado, ante a exaltação da personalidade do Cristo. No símbolo de Niceia, diz-se apenas:

Creemos num só Deus, etc. Mas, como é esse Deus? Nenhuma menção ali há dos seus atributos essenciais: a soberana bondade e a soberana justiça. É que estas palavras teriam sido a condenação dos dogmas que consagram a sua parcialidade para com certas criaturas, a sua inexorabilidade, o seu ciúme, a sua cólera, o seu espírito de vindita, e com que justificaram as crueldades cometidas em seu nome.

Se o símbolo de Niceia, que se tornou o fundamento da fé católica, estava conforme ao espírito do Cristo, por que o anátema com que ele termina? Não está aí uma prova de que ele é obra da paixão dos homens? A que se deve, aliás, a sua adoção? À pressão do imperador Constantino, que dele fez uma questão mais política, do que religiosa. Sem sua ordem, o concílio de Niceia não se houvera realizado; sem a intimidação que ele exerceu, é mais que provável que o arianismo levasse a melhor. Tudo, pois, dependeu da autoridade soberana de um homem, que não pertence à Igreja, que reconheceu, mais tarde, o erro político que cometera e que inutilmente procurou voltar atrás, conciliando os partidos. Unicamente daquela autoridade dependeu não haver arianos em vez de católicos e de não ser hoje o arianismo a ortodoxia e o catolicismo a heresia.

Após dezoito séculos de lutas e disputas vãs, no curso das quais foi posta inteiramente de lado a parte mais essencial do ensino do Cristo, a única que podia garantir a paz para a Humanidade, toda gente se acha cansada dessas discussões estéreis, que só a perturbações conduziram, gerando a incredulidade, e cujo objeto já não satisfaz à razão.

A opinião geral manifesta hoje uma tendência acentuada a voltar às idéias fundamentais da Igreja primitiva e à parte moral dos ensinamentos do Cristo, por ser a única que pode tornar melhores os

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VIII)

homens. Essa é clara, positiva e não pode abrir ensejo a nenhuma controvérsia. Se, desde o princípio, a Igreja houvesse tomado esse caminho, seria agora onipotente em vez de estar em declínio. Houvera congregado a imensa maioria dos homens, em lugar de ter sido esfacelada pelas facções.

Quando marcharem sob essa bandeira, os homens se darão as mãos fraternalmente, em vez de se anatematizarem e amaldiçoarem, por questões que quase nunca compreendem.

Aquela tendência da opinião é sinal de que chegou o momento de ser levada a questão para o verdadeiro terreno.

101. Jesus ora se intitulava Filho de Deus, ora se designava Filho do homem. Que significam esses títulos?

O título de Filho de Deus, longe de implicar igualdade, é o indício de uma submissão.

Jesus é Filho de Deus, como todas as criaturas; ele o chama seu Pai como nós aprendemos a chamar nosso Pai.

É, no entanto, o Filho bem-amado de Deus porque, tendo chegado à perfeição que o aproxima de Deus, possui toda a sua confiança e todo o seu afeto.

Quanto à expressão Filho do homem que Jesus se deu em sua missão, e que fez o assunto de muitos comentários, é necessário, para melhor compreender-lhe o sentido, remontar à Bíblia, onde está dada por ele mesmo ao profeta Ezequiel.

Vejamos o texto: "Tal foi a imagem da glória do Senhor que me foi apresentada. Tendo, pois, visto essas coisas, lancei meu rosto por terra: e ouvi uma voz que me falava e disse: Filho do homem, tende-vos sobre os vossos pés e eu falarei convosco.

E o Espírito, tendo-me falado da sorte, entrou em mim, e me firmou sobre os meus pés e eu o ouvi que me falava e me dizia: Filho do homem, eu vos envio aos filhos de Israel, para um povo apóstata que se retirou de mim. Violaram até este dia, eles e seus pais, a aliança que fiz com eles."

(Ezequiel, cap. II, v. 1, 2, 3.)

A qualificação de Filho do homem aparece outras diversas vezes em Ezequiel e parece evidente que significa: que nasceu do homem, por oposição àquilo que está fora da Humanidade.

O Senhor não designou Ezequiel senão sob esse nome, sem dúvida para lhe lembrar que, apesar do dom da profecia que lhe fora concedido, com isso não pertencia menos à Humanidade, e a fim de que não se crese dotado de uma natureza excepcional.

Jesus se deu a si mesmo essa qualificação com uma persistência notável, porque não é senão em muito raras circunstâncias que se diz Filho de Deus, com o objetivo de lembrar que ele também pertence à Humanidade.

Aliás, a insistência que colocou em se designar Filho do homem parece um protesto antecipado contra a qualidade que previu que no futuro lhe seria atribuída.

(Obras Póstumas – Estudo sobre a natureza do Cristo.)